

INTENSIDADE DO TRABALHO

Grau, medida, quantidade, magnitude do desgaste pessoal do trabalhador no processo laboral. Tal gasto pode ocorrer em termos da capacidade física, intelectual ou afetiva, a depender das exigências específicas demandadas pela atividade. Com este sentido de grau, medida, magnitude, intensidade aparece em diversos campos do conhecimento humano, entre os quais física, eletricidade, acústica e, por certo, ciências humanas e sociais. Quando Gollac e Volkoff (1996) escreveram um dos primeiros artigos denunciadores da retomada da intensificação do trabalho a partir da década de 1980, empregaram os adjetivos latinos “citius, altius, fortius”. Intensidade é uma condição que envolve todo o ato de trabalho. Qualquer trabalho realizado contém a dimensão de desgaste corporal, emocional ou cognitivo em proporções variáveis. O controle do grau de intensidade do trabalho é um dos focos de uma luta histórica surda entre empregadores e trabalhadores. Estes buscam reduzir o ritmo e a intensidade, aqueles aumentá-los. O grau da intensidade do trabalho apresenta duas faces opostas: quanto maior a intensidade, maiores ou melhores os resultados obtidos – esse argumento move administradores de organizações econômicas a uma incessante busca por tecnologias intensificadoras do trabalho, no sentido de produtoras de mais resultados; a outra face é caracterizada pela dilapidação e pelo desgaste do indivíduo – quando a classe trabalhadora quer controlar o grau da intensidade laboral, está defendendo a vida, a possibilidade de viver mais anos e melhor. Há, portanto, um conflito incessante sendo travado entre as classes sociais tendo como fulcro o controle da intensidade do trabalho. Os estudos sobre intensidade remontam ao século XIX, quando o trabalho passou a ocupar um lugar central no desenvolvimento capitalista e nas ciências sociais. Para descrever o processo de intensificação, Marx (1975) empregou a metáfora da ‘porosidade’, imaginando o trabalho como se fosse uma esponja que, vazia d’água, representasse um grau de intensidade menor e cheia descrevesse o máximo de intensidade e ritmo. Uma segunda imagem de que Marx lançou mão consiste na metáfora da jornada composta por tempos vivos e mortos. Numa jornada qualquer, os tempos de trabalho efetivo (tempos vivos) são intercalados por intervalos de descanso (tempos mortos). A ambição do administrador

capitalista racional é fazer coincidir o tempo de trabalho efetivo com a jornada, de modo que não existam mais tempos mortos. Toda a jornada seria convertida em tempo de trabalho vivo. A relação temporal, sequencial e teórica entre jornada e intensificação da atividade laboral é desenvolvida por Marx (1975). Jornada e intensidade não são dois fatos isolados e estanques. O surgimento do capitalismo no Ocidente teve como um de seus pilares o alongamento da jornada. Quando esta alcançou seu ponto máximo e sua curva inclinou-se no sentido de diminuição das horas de trabalho, os empregadores passaram a dar mais atenção para o modo como o trabalho era exercido. A redução da duração da jornada implicou na exploração sistemática do grau de intensidade da ação laboral. Através da história, as estratégias para alcançar maiores resultados da ação laboral exercida dentro de um mesmo período de tempo (FERNEX, 2000) modificam-se periodicamente. As escolas de gestão representam, entre outras coisas, a consolidação de princípios e práticas que visam aumentar os efeitos obtidos com a ação laboral racionalmente organizada e sistematicamente explorada. O Taylorismo explorou a rapidez e a propriedade do movimento bem como a capacidade física do trabalhador. Os resultados dos experimentos científicos desenvolvidos por Taylor dão conta dos ganhos alcançados com as novas práticas. O Fordismo deu continuidade aos princípios de intensificação do trabalho descobertos pelo Taylorismo, entregando o controle do ritmo e da velocidade a correias mecânicas de circulação. Ambos foram desintegrados pelos movimentos contra a alienação do trabalho. O Toyotismo pretendeu superar a alienação individualizada por meio da consagração do princípio do trabalho em equipes, pelo autoincentivo da ação coletiva, pelo controle da subjetividade, pela apropriação crítica do saber operário e pela integração do sindicato aos quadros das empresas. Hoje em dia, o Toyotismo debate-se nos estertores da crise financeira, econômica e social que explodiu mundialmente em 2008. As ondas de intensificação, que constituem uma maneira de interpretar a sucessão de escolas de gestão do trabalho, indicam que se o Toyotismo não conseguir sobreviver à crise, será substituído por outro conjunto de princípios e práticas capazes de aplicar graus ainda maiores de intensidade ao trabalho cotidiano. Intensidade não é apenas conceito. Intensidade é condição de trabalho que pode ser medida empiricamente pelos usuais métodos de pesquisa social (FERNEX, 2000; GREEN, 1999). No Brasil, foi levado a efeito levantamento

amostral junto a trabalhadores assalariados que respondiam questões a respeito do grau de intensidade que observavam nas atividades cotidianas. As perguntas versavam sobre jornada, polivalência, versatilidade e flexibilidade, ritmo e velocidade, acumulação de tarefas, administração por resultados (DAL ROSSO, 2008). Os trabalhadores empregados em negócios sujeitos mais à competição nacional e internacional indicavam a presença de indicadores de intensificação do trabalho em proporções muito mais elevadas do que trabalhadores de pequenos negócios e servidores públicos. O que permite concluir que a intensificação do trabalho é desesperadamente buscada pelos administradores de negócios como uma maneira de ganhar a corrida da competição com outras empresas. As estratégias intensificadoras não passam de técnicas e práticas que são pesquisadores por assessores e consultores de empresas que as vendem a peso de ouro. Princípios e práticas intensificadores do trabalho empregados em outros setores de atividade atingem mais cedo ou mais tarde o campo da educação, seja nas empresas privadas seja nos serviços governamentais. No levantamento realizado no Distrito Federal, professores das escolas privadas queixavam-se da acumulação de tarefas, da administração por resultados, do alongamento das horas, muitas delas não remuneradas, da polivalência e da flexibilidade. No magistério público, a cobrança por resultados opera como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça de professores e pesquisadores. A atividade de magistério, do maternal ou pós-doutorado, está sujeita ao processo de intensificação. Desgaste no trabalho, envolvimento com o trabalho, carga de trabalho, carga total de trabalho.

SADI DAL ROSSO

DAL ROSSO, S. *Mais trabalho!:* a intensidade do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo. 2008.

FERNEX, A. *Intensité du travail, définition, mesure, evolution.* Colloque Intensification du Travail. Centre d'Études de l'Emploi, Paris, 2000.

DAL ROSSO, S. Intensidade do trabalho. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO:** trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

GOLLAC, M.; VOLKOFF, S. Citius, altius, fortius: l'intensification du travail. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Liege, n.114, p. 54-67, sept. 1996.

GREEN, F. *It's been a hard day's night*: the concentration and intensification of work in late 20th century Britain. Kent: University of Kent at Canterbury, Department of Economics, 1999. (Working paper).

MARX, K. *Capital*. New York: International Publishers, 1975. v.1.

DAL ROSSO, S. Intensidade do trabalho. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM